



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

11560 - Resumo Expandido - Trabalho - XVI Reunião da Anped Centro-Oeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 10 - Alfabetização, Leitura e Escrita

#### LEITURA EM AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA: CONCEPÇÃO DE DOCENTES DOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Sandra Regina Franciscatto Bertoldo - UFMT - PPGE Rondonópolis - Universidade Federal de Mato Grosso

Ana Patrícia dos Santos - UFMT/Campus de Rondonópolis - Universidade Federal de Mato Grosso

#### LEITURA EM AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA: CONCEPÇÃO DE DOCENTES DO ENSINO FUNDAMENTAL II

Discussões em torno do texto como unidade de ensino ainda precisam ser trazidas aos espaços de diálogo, face às evidências que se tem do potencial da leitura de diferentes gêneros textuais no desenvolvimento da linguagem oral e escrita. Ler para compreender, interagir, dialogar, questionar, desenvolver a criticidade e a criatividade; ler para ampliar o vocabulário e reconhecer a função social da língua são algumas das ações/reações que bons textos promovem.

Nesse contexto, apresentamos um recorte de uma pesquisa de mestrado desenvolvida em 2021, com três professoras de língua portuguesa dos anos finais do Ensino Fundamental (E.F.II), de uma escola pública de Mato Grosso, refletindo: *que concepções de leitura estão evidentes nos diários de classe on-line, nas entrevistas e nos cadernos de registro pessoal das docentes pesquisadas?*

Entendemos que esses elementos podem fornecer pistas para *compreender quais são as concepções de leitura que norteiam o trabalho pedagógico das professoras de língua portuguesa do E.F.II, refletindo, ainda, se a perspectiva teórica adotada por elas tem contribuído com o trabalho com a leitura.*

Ancoradas nas bases teórico-metodológicas da pesquisa qualitativa, com análise de dados a partir da perspectiva descritiva e pela análise interpretativista proposta por Bortoni-Ricardo (2008), a pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética na Pesquisa (CEP

- CAAE 22786819.0.000.8088) e constituída a partir das perspectivas teóricas de Bakhtin (2003, 2016); Volóchinov (2018), Geraldi (2011), Kleiman (1993, 2000), Koch e Elias (2002, 2012, 2013), Ângelo e Menegassi (2005), Perfeito (2005) entre outros.

As docentes pesquisadas concordaram em fazer parte do estudo, participar de entrevista via aplicativo WhatsApp e disponibilizar diários de classe e cadernos de registro relativos ao ano letivo 2019, dos 6º, 7º, 8º e 9º anos, do E.F.II. Dos dados disponíveis, foi possível constituir algumas reflexões para além do objeto de nossa investigação. Uma delas diz respeito aos registros nos diários, pois são fontes para pesquisas de diferentes abordagens: eles precisam ser feitos de forma que representem o verdadeiro cenário de ensino em sala de aula. Registros sucintos, sem detalhamentos de textos trabalhados (tipo, gênero, título e autor) dificultam compreender como se dá o ensino de língua portuguesa (LP) nas escolas (perspectivas e bases teóricas) e as escolhas feitas pelas docentes para tal.

Outra questão trazida nesse estudo se refere à compreensão de que as docentes podem estar em processo de apropriação da concepção de leitura com foco na interação autor-texto-leitor e contexto. Em seus registros, elas pontuaram o uso de alguns modos de ler, tais como a leitura compartilhada, reflexiva, com pausa protocolada, silenciosa e deleite, procedimentos importantes para o encaminhamento de práticas que buscam a autonomia do aluno/leitor. Contudo, nem todas as práticas registradas evidenciam essa concepção e, assim, nos levam a refletir (e questionar) em que respaldam o planejamento e a realização das aulas de LP.

Em defesa das professoras, por outro lado, está a história, pois, "a tradição escolar tratou a leitura e a escrita como duas atividades desconectadas, inclusive no tempo. Primeiro aprende-se a ler e depois a escrever.[...]" (COLOMER, 2007, p.121). Esse ensino seguiu, por muito tempo, concepções tradicionais de linguagem, contemplando atividades centradas em codificação e decodificação. A ação repetida no ensino básico e nos cursos de licenciatura dificultou uma prática pedagógica voltada à criticidade do estudante-leitor,

Antunes (2003, p.27) ressalta que as atividades de leitura são falhas quando se desvinculam de questões sociais que envolvem a língua, depreciando os processos interativos da linguagem, afinal, "um dos objetivos principais da escola é justamente possibilitar que seus alunos possam participar de várias práticas sociais que se utilizam da leitura e da escrita (letramento) na vida da cidade, de maneira ética, crítica e democrática." (ROJO, 2009, p.107)

Na concepção interacionista de linguagem, o ensino de leitura considera as condições de produção e de recepção do sujeito, no qual o leitor é incitado a acionar seus conhecimentos prévios para a construção de sentidos, ou seja, a compreensão de um texto deixa de se fundamentar em uma "atividade de garimpagem", e passa a ser uma "atividade reflexiva", como bem destaca Marcuschi (2008).

Inseridas *nessa concepção*, partimos do descritor *leitura* para coletar dados nos documentos mencionados. Neles, extraímos anotações que traziam o termo ou referências a ele num conjunto de atividades, como "leitura e interpretação de texto". O quadro resume

esses dados, quantitativamente, e sugere um possível cenário para a *leitura*:

Quadro 1 – Periodicidade de atividades de leitura em sala de aula

Bimestres	1º bimestre	2º bimestre	3º bimestre	4º bimestre	Total por turma
<b>Turmas</b>					
6º ano A	3	10	9	6	28
6º ano B	7	10	6	6	29
6º ano C	6	12	6	5	29
7º ano A	6	9	7	5	27
7º ano B	8	8	5	9	30
7º ano C	8	7	11	2	28
7º ano D	8	6	8	2	24
8º ano A	3	7	8	9	27
8º ano B	5	5	8	9	27
8º ano C	5	6	8	7	26
9º ano A	7	5	6	5	23
9º ano B	6	6	7	6	25
9º ano C	5	4	8	11	28

Fonte: As autoras, 2021. Quadro elaborado a partir dos dados dos diários de classe on-line das docentes pesquisadas.

O que podemos inferir ao olhar para os dados desse quadro e considerar, ainda, os registros pessoais das docentes e seus relatos?

- a. O segundo bimestre para as turmas dos 6ºs. anos A, B e C foi o mais produtivo em relação ao trabalho com a leitura, ou atividades inerentes à leitura. Os registros do diário on-line apontam que as práticas de leitura se basearam na “leitura e interpretação” de gêneros como crônica, charge, conto, tira, histórias em quadrinhos. Mas, pelas anotações no caderno da docente, a leitura apenas conduziu às atividades de interpretação. Assim, notou-se que a concepção de linguagem como instrumento de comunicação predominou nos seus encaminhamentos no ensino-aprendizagem de LP e, conseqüentemente, no ensino de leitura.
- b. Os 7ºs. anos, mesmo tendo a mesma docente para A, B, C e D, demonstram uma proporção diferente de atividades de leitura. Nos diários, observou-se que a prática partiu do trabalho com diferentes gêneros, porém com direcionamento à resolução das questões de interpretação propostas a cada novo gênero. As anotações dessa professora seguem respaldadas principalmente pela concepção de língua como estrutura, pois pouco foi detalhado sobre o ensino de leitura. Esse aspecto de partir apenas de uma abordagem de ensino dificulta ao estudante conhecer outros contextos de comunicação, pois descarta as funções sociais de uso da linguagem. Ainda, em entrevista gravada, a docente sugeriu que inclui a leitura, o texto, como pretexto para a realização de atividades gramaticais, sem dedicar atenção às questões de ler para compreender, inferir, desenvolver a criticidade em relação ao texto, ao tema, proposto.
- c. Os 8ºs. anos mantiveram um aumento progressivo nas atividades de leitura ou inerentes

à ela. Alguns dos objetivos propostos para a disciplina, segundo anotações da docente, pretenderam: “Desenvolver a produção de textos, revisão e análise de textos”; “Aprimorar a leitura oral”, “Desenvolver habilidades de leitura de textos verbais e não verbais”. Os diários indicaram que houve um trabalho direcionado à linguagem como instrumento de comunicação e seus encaminhamentos focalizaram na aprendizagem de regras, de definições e de aplicação mecânica de conceito dos gêneros trabalhados. Portanto, pouco se trabalhou, de fato, com a leitura.

- d. O 9º. ano B, entre as três turmas dessa série, iniciou o ano letivo com um quantitativo maior de atividades relativas à leitura, porém finalizou o 4º bimestre com apenas 5 menções à leitura. Dentre as turmas desse último ano do E.F.II, o 9º ano C demonstrou uma crescente no trabalho com leitura, totalizando 28 menções ao longo do ano letivo. Com base na apreciação do diário dessa turma (que tem iguais registros para as demais), notou-se a predominância de um trabalho com os gêneros reportagem e conto, dividindo espaço com as questões gramaticais. Os diários da docente propiciaram a compreensão de um ensino de leitura voltado a análises estruturais e das nomenclaturas linguísticas, seguindo, assim, a concepção de linguagem como instrumento de comunicação. Ressalta-se que essa abordagem contradiz a perspectiva discursiva, pois concebe que somente pelo domínio de uma estrutura linguística o aluno pode aprender.

A partir desses pressupostos, retomamos nosso questionamento e buscamos definir, por fim, *que concepções de leitura são adotadas por essas docentes de LP, do E.F.II*. Porém, a extensão desse texto não permite apresentar todos os argumentos constituídos, mesmo assim, é possível afirmar que há predomínio da concepção de linguagem como estrutura ou instrumento de comunicação, problematizando e alertando para os encaminhamentos sobre o ensino-aprendizagem de LP e de leitura realizados pelas participantes do estudo. A leitura serviu de pretexto para exercícios de interpretação e, em dados momentos, teve foco apenas no autor; outros, no leitor ou só no texto, ignorando os discursos intrínsecos a esses textos e os contextos de produção.

Ficou perceptível, ainda, que as docentes escolheram alguns modos de ler como procedimento para o ensino de leitura, trilhando caminhos que podem contribuir com a autonomia do “aluno-leitor”, mas não tivemos dados suficientes para entender os objetivos dessas escolhas e os encaminhamentos feitos.

Os resultados apontam para a necessidade das docentes terem claro concepções de linguagem e de leitura voltadas às perspectivas interacionistas, ampliando sua prática em sala de aula, com vistas a oferecer espaço para que os estudantes desenvolvam habilidades discursivas de leitura que contemplem autor-texto-leitor e contexto.

Diante dessas ponderações, entendemos como necessário sublinhar a importância de pesquisas como essa na área da educação, contribuindo com o caminho já trilhado por outros pesquisadores, pois faz-se urgente reconhecer que a leitura, pela seleção cuidadosa de bons textos, propicia a formação de estudantes críticos, produtores de textos e discursos.

**Palavras-chave:** Leitura. Ensino. Concepção de leitura. Linguagem. Educação.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. Aula de português: encontro e interação. São Paulo: Parábola, 2003.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola.** Trad. de Laura Sandroni. São Paulo: Editora Global, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2008.

ROJO, Roxane. Letramentos múltiplos, escola e inclusão social. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. \_\_\_\_\_. Letramento e capacidade de leitura para a cidadania. In.: FREITAS, Maria Teresa de Assunção; COSTA, Sérgio Roberto.(Orgs). **Leitura e escrita na formação de professores.** Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2002. p.1-8.